

POLÍTICAS HOSTIS COM O BÁRBARO: O CASO DE MEDEIA*

Fábio de Souza Lessa**

Guilherme Lemos Nogueira***

***Resumo:** Neste artigo objetivamos analisar a vulnerabilidade do estrangeiro, com base na obra euripídiana **Medeia**. Assim, discutimos também a noção de etnicidade helênica e o ethos da heroína Medeia, que rompe com o modelo esperado para a mulher ideal na Grécia clássica. Apesar das versões para o mito dessa personagem, a tragédia euripídiana é a responsável por consolidar na literatura o infanticídio como vingança contra o ex-marido Jasão. Ela, que deixara sua pátria para segui-lo, foi abandonada com os filhos e estava sem família e amigos em uma terra estrangeira.*

***Palavras-chave:** Grécia clássica; Eurípides; etnicidade; Medeia.*

HOSTILE POLICYICS WITH THE BARBARIAN: MEDEA'S CASE

***Abstract:** In this article we aim to analyse the vulnerability of the foreigner, based on Euripides' work **Medea**. This way, we also discuss the notion of Hellenic ethnicity and the ethos of the heroine Medea, who breaks with the expected model of the ideal woman in Classical Greece. Despite the many versions for this character's myth, the Euripidean tragedy is responsible for consolidating in literature the infanticide as an act of revenge against*

* Recebido em: 15/12/2017 e aceito em: 30/01/2018.

** Professor associado de História Antiga do Instituto de História (IH) e dos Programas de Pós-graduação em História Comparada (PPGHC) e de Letras Clássicas (PPGLC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Membro do Laboratório de História Antiga (Lhia)/UFRJ e membro colaborador do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra.

*** Professor substituto de Língua e Literatura Grega na Universidade Federal Fluminense (UFF) e mestrando em Língua Grega do Programa de Pós-Graduação de Letras Clássicas (PPGLC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sob a orientação da professora Glória Braga Onelley.

the former husband Jason. She, who had left her homeland to follow him, was abandoned with the children and was without family or friends in a foreign land.

Key-words: *Classical Greece; Euripides; ethnicity; Medea.*

Introdução

Não é pouco admirada a influência que Medeia, com sua fúria e altivez, exerceu na literatura grega. Contraindo-se a Jasão, ela é uma personagem muito ambígua, que ousou afrontar a misoginia predominante na sociedade grega. Para o mundo grego, no qual as mulheres, no plano da idealização, eram educadas para serem mães, submissas e reclusas no gineceu, o ethos da heroína representa um significativo distanciamento dessa idealização.¹ O próprio êxito da vingança corrobora esse distanciamento. Desse modo, à luz da sua fragilidade enquanto uma mãe abandonada em terra estrangeira, pretende-se discorrer sobre a peça de Eurípides **Medeia**, para evidenciar quão vulnerável pode ser um estrangeiro em terra bárbara.

Assim sendo, buscaremos analisar, ainda que em linhas gerais, a noção de etnicidade para os gregos a partir da personagem eurípidiana. Veremos que a noção de “bárbaro” serve também para afirmar a própria identidade helênica. Além disso, o teatro põe em relevo o “Outro”, pois os personagens bárbaros sempre tiveram espaço significativo nas peças gregas.

Como se sabe, o mito de Medeia é reapropriado por Eurípides no período clássico (séculos V e IV a.C.). Logo, algumas versões para o mito da personagem serão por nós estudadas. Em algumas passagens da **Odisseia** e da **Teogonia**, por exemplo, encontramos o mito de Jasão e Medeia. E, sobretudo em fragmentos preservados em escólios, verificamos algumas versões para o infanticídio que ganha destaque no referido mito. Contudo, é na peça eurípidiana que Medeia consolida sua “história”.

Assim, mostraremos que todo o cidadão era cruel (αὐθάδης) e “azedo” (πικρός) com a heroína, que, por sua vez, estava expatriada (ἄπολις) e sozinha (ἔρημος): sem mãe (οὐ μητέρα), irmão (οὐκ ἀδελφόν) ou parente (οὐχὶ συγγενῆ). Não é à toa que o Coro de Coríntias assente à vingança engendradora (vv. 267-9). A fama da heroína a precede: ela é terrível e implacável. Apesar do grave crime que veio a cometer, Medeia sai de Corinto impune, na companhia de uma divindade.

Helenos e a noção de etnia

Quando uma determinada sociedade, reunindo características em comum, forma uma identidade, estabelece, ao mesmo tempo, sua diferença com as demais. Com isso, a noção de etnicidade de um grupo, que se vincula às relações de identidade e de alteridade,² não parece ser estática, na medida em que é construída gradualmente: dessa forma também ocorreu com os gregos. Ainda assim, eles, os que se identificavam com esse “nome coletivo”, tinham plena consciência dos que constituíam o “nós”/gregos e os “Outros”/não-gregos”. Tal qual a maioria dos grupos étnicos no decorrer da história, os gregos souberam a diferença entre o “nós” e “eles”, como realidades socioculturais distintas, reconhecendo a tradição e a história que partilhavam.

As obras literárias mais antigas de que se tem conhecimento são a **Iliada** e a **Odisseia**.³ São percebidos, nelas, alguns termos intercambiáveis que, de modo geral, serviam para designar os gregos: Aqueus, Aquivos, Acaios ou Dânaos – por exemplo, tem-se na **Iliada** (I, vv. 2 e 42): “Ἀχαιῶς” e “Δαναῶς”. Esses habitavam Argos ou Acaia – respectivamente, Ἄργος e Ἀχαιῖα.

Jonathan Hall (2001, p. 216) afirma que é apenas em Xenófanes – séc. VI a.C. – que será possível “encontrar o primeiro emprego do termo Helas significando sem ambiguidades o que chamaríamos de Grécia – ou então para ser mais precisos – mundo grego”. Até então, o termo “Ἑλλάς” indicava apenas uma pequena parte do que viria a ser a Grécia: como na **Iliada** (II, v. 683), durante a enumeração de algumas regiões, uma, entre elas, foi a “Ἑλλάδα καλλιγύναικα, *Hélade rica em belas mulheres*.”

Hall indica ainda que o século VI a.C. seria o período em que a identidade grega teria se cristalizado, sugerido pelo poema fragmentário, provavelmente do século VI a.C., **Catálogo de Mulheres**.⁴ Nele, o herói Heleno teve três filhos: Doro, Xuto e Éolo; Xuto, por sua vez, Aqueu e Íon. Essa árvore familiar funciona, simbolicamente, para representar os principais grupos da Grécia. Os dórios, que habitavam o Peloponeso, o sul do Egeu, Creta e o sudoeste da Ásia Menor, eram representados pelo Doro. Os eólios, que habitavam a Grécia central, a Tessália e a Beócia, pelo Éolo. Os jônios, que ocuparam Atenas, a Ática, a ilha da Eubeia, as ilhas Cíclades e a costa da Anatólia, pelo Íon. Os Aqueus, que se acreditava terem habitado ao longo da costa sul do Golfo de Corinto, pelo Aqueu. Assim, todos esses povos que supostamente teriam um ancestral em comum, o Heleno, parecem representar, no poema, populações independentes que procura-

ram firmar laços étnicos em comum. Essa gradual construção étnica sugere que “a identidade helênica foi construída de forma agregativa por meio da percepção de similaridades com grupos de pares” (HALL, 2001, p. 218-9).

Vale destacar que as últimas décadas têm se dedicado à reflexão acerca das discussões sobre etnicidade. Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart (1998, p. 86) chamam a atenção para o fato de que, para alguns autores, “a etnicidade refere-se a um conjunto de atributos ou de traços tais como a língua,⁵ a religião, os costumes, o que a aproxima da noção de cultura, ou à ascendência comum presumida dos membros, o que a torna próxima da noção de raça”. Outros estudiosos a definem em termos de comportamentos, de representações ou de sentimentos associados à pertença, ou ainda em termos de um sistema cultural; sendo a cultura entendida como “simultaneamente um aspecto da interação concreta e o contexto de significação desta mesma interação...” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 86 e 109-10).

O conceito deriva do termo grego *étnos*. Há certa unidade em suas definições. A. Bailly (s.v.) o traduz como “raça, povo, nação, tribo”. Liddell & Scott (s.v.) acrescentam às traduções anteriores mais uma noção, a de “número de pessoas vivendo juntas”. Já Pierre Chantraine (s.v.) opta por traduzi-lo como “grupo mais ou menos permanente de indivíduos, pessoa estrangeira, bárbara” ou ainda “estrangeiro ao *gênos*, à família”. A literatura grega concede à dicotomia entre helenos e bárbaros um destaque relevante, em especial, a dramática. Edith Hall (2004, p. 3-4) sublinha que o gênero trágico no século V a.C. demarcava os gregos do resto do mundo através da polaridade gregos *versus* bárbaros. Nesse sentido, Eurípidés é um testemunho singular, pois “... a sua noção de ‘estrangeiro’ é mais geral, representada por um conjunto de elementos estereotipados, que sobretudo produzem com o modelo grego pontos de divergência e conflito” (SILVA, 2005, p. 18).

Podemos afirmar que os bárbaros adquiriram uma imagem, em geral, pejorativa, designando todos aqueles que não eram gregos. Contrapondo-se às excelências helênicas, o bárbaro⁶ vivia e agia norteado por uma cultura pouco refinada, o que ressaltava sua expressão rude e selvagem. Nesse aspecto, vemos que βαρβαροστομία designa a *linguagem bárbara* ou *incorreta*, e que βαρβαροφωνέω, *falar grego de um modo bárbaro*. Essas palavras cognatas denunciam o modo de ser antagônico ao ideal de civilidade concebido na Grécia: βάρβαρος era o estrangeiro por oposição a Ἕλλην.

No teatro os bárbaros passam a ser representados como cruéis e sem moderação; esse estereótipo negativo foi uma maneira de representar a identidade helênica através da sua oposição, ou seja, estabelece-se a identidade pela diferença. Concordando, Hall (2001, p. 220) afirma que a identidade grega passou a ser “definida em termos das diferenças percebidas e em oposição a grupos externos de bárbaros”.

Algumas versões para o mito de Medeia

Nesses termos, a heroína Medeia, homônima da peça euripidiana, é uma dessas personagens centrais bárbaras.⁷ No verso 256, ela lamenta por estar esquecida em uma terra bárbara, ἐκ γῆς βαρβάρου λελησμένη. A obra é uma das poucas de Eurípides⁸ que sobreviveram até a contemporaneidade; foi composta cerca de 431 a.C. no concurso teatral das Grandes Dionísias, que lhe rendeu o terceiro e último lugar, perdendo para o ganhador Euforion, hoje desconhecido, e para Sófocles, que ficou em segundo.

O mito sobre Jasão e Medeia é anterior ao tragediógrafo. As expedições do herói são referenciadas na **Odisseia** (X, 134; XI, 256-9, XII, 59-72). Essas passagens, contudo, não mencionam propriamente a Medeia, que é citada na **Teogonia** (vv. 956-62 e 992-1002). Ao contrário do marcante feminicídio que lhe incutiu uma imagem criminoso, as primeiras referências em Hesíodo mostram, sobretudo, uma figura extraordinária: ela é descendente de Hélios por parte de pai e de Oceano por parte da mãe, sendo também sobrinha da feiticeira Circe.

No que tange ao infanticídio, Luísa de Nazaré Ferreira (1997, p. 62) ressalta que um fragmento da poesia atribuído a Eumelo – **Korinthiaka** –, e preservado em um escólio a Píndaro, diz ter Hélios oferecido a cidade de Corinto a Aetes. Recuperando os versos de Eumelo, posteriormente, contamos com o testemunho de Pausânias (II.3.10) na sua descrição de Corinto.

Medeia teve filhos e, cada vez que dava um à luz, levava-o para o templo de Hera, a fim de o esconder; convencida de que, ocultando-os, eles se tornariam imortais; por último, compreendeu que as suas expectativas haviam falhado, e, sendo ao mesmo tempo surpreendida em flagrante por Jasão – que não teve perdão para os seus rogos, mas antes embarcou para Iolcos e se foi embora – por essa razão, Medeia também partiu, depois de entregar a Sísifo o poder.⁹

Pausânias acrescenta que seus habitantes proclamaram Medeia a sua rainha, de modo a permitir que Jasão se tornasse soberano nessa terra, o que oferece uma outra versão para o infanticídio (FERREIRA, 1997, p. 62). Defendemos que essa versão épica aborda um infanticídio menos frio e cruel, visto que visava conferir imortalidade às crianças, diferente da tragédia eurípidiana, que aponta o crime como uma vingança contra seu ex-marido Jasão.

Em sua pesquisa, Luísa de N. Ferreira (1997, p. 63-64) expõe outras versões acerca do infanticídio. O escólio ao verso 264 de Medeia apresenta duas versões diferentes, atribuindo a autoria do infanticídio aos Coríntios. A primeira versão é a do gramático Parmenisco e enfatiza a ação das mulheres de Corinto, que, não desejando ser dirigidas por uma mulher bárbara e perita em venenos, revoltaram-se e mataram-lhe os filhos. Já a segunda é de Dídimo, que, com base no testemunho de Creófilo de Samos, afirma que não seria Medeia a autora do crime de infanticídio.

Dessa forma, são conhecidas pelo menos três versões do mito de Medeia: (i) ela mata os filhos abandonados no templo de Hera; (ii) as mulheres de Corinto matam seus filhos por ela ser bárbara e para vingar a morte de seus soberanos (CANDIDO, 2006/7, p. 29); e (iii) a versão que afirma ter Medeia matado apenas Creonte, cujos parentes teriam se vingado matando os filhos dela. Já em Eurípidides, coube à Medeia a autoria dos crimes, como um gesto desesperado e voluntário de uma mulher traída e abandonada pelo marido, pois ele “merecia” uma severa punição. Essa foi a peça que consolidou a imagem da Medeia inegavelmente infanticida. Em primeiro lugar, impera o sentimento de traição (vv. 16-23):¹⁰

ῦν δ' ἐχθρὰ πάντα, καὶ νοσεῖ τὰ φίλτατα.
προδοῦς γὰρ αὐτοῦ τέκνα δεσπότην τ' ἐμὴν
γάμοις Ἰάσων βασιλικῶς εὐνάζεται,
γήμας Κρέοντος παῖδ', ὃς αἰσμνᾶ χθονός.
Μήδεια δ' ἡ δύστηνος ἠτιμασμένη
βοᾷ μὲν ὄρκους, ἀνακαλεῖ δὲ δεξιᾶς
πίστιν μεγίστην, καὶ θεοῦς μαρτύρεται
οἷας ἀμοιβῆς ἐξ Ἰάσονος κυρεῖ.

*O amor adocece agora,
instaura-se o conflito, pois Jasão
deitou-se com a filha de Creon.*

*Rebaixa a própria esposa e os descendentes.
Medeia amealha a messe da miséria,
soergue a destra, explode em jura, evoca
o testemunho dos divinos: eis
a paga de Jasão com o que lucra!*

O exato momento descrito por $\nu\hat{\upsilon}\nu$, o momento presente, é um período de inimizade ($\epsilon\chi\theta\rho\alpha$) e enfraquecimento de relações amigáveis ($\nu\omicron\sigma\epsilon\hat{\iota}$ τὰ φίλτατα). Essa é a realidade que a heroína passava: uma situação miserável ($\delta\acute{\upsilon}\sigma\tau\eta\nu\omicron\varsigma$) causada pela desonra ($\eta\grave{\eta}\tau\iota\mu\alpha\sigma\mu\acute{\epsilon}\nu\eta$) que sofrera. Traída por Jasão, Medeia sofre na pele a dor de ter abandonado sua terra.¹¹ E, como solução, desperta nela uma vontade de vingança, vejamos (vv. 37-45):

δέδοικα δ' αὐτὴν μή τι βουλεύσῃ νέον·
βαρῆα γὰρ φρήν, οὐδ' ἀνέξεται κακῶς
πάσχουσ'· ἐγῶδ'α τήνδε, δειμαίνω τέ νιν
μὴ θηκτὸν ὥσῃ φάσγανον δι' ἥπατος,
σιγῇ δόμους ἐσβᾶσ', ἴν' ἔστρωται λέχος,
ἢ καὶ τύραννον τόν τε γήμαντα κτάνη,
κᾶπειτα μείζω συμφορὰν λάβῃ τινά.
δεινὴ γάρ· οὗτοι ῥαδίως γε συμβαλῶν
ἔχθραν τις αὐτῇ καλλίνικον οἴσεται.

*Tremo só de imaginar
que trame novidades. Sua psique
circumspecta suporta mal a dor.
Conheço-a de longa data e não
descarto a hipótese de que apunhale
o fígado, depois que entrou sem voz,
rumo ao leito... ou será que mata o rei
e o marido, agravando o quadro mais?
Ela é terribilíssima. Ninguém
que a enfrente logra o louro facilmente.*

Esse excerto ainda é o monólogo da Nutriz, que abre a peça apresentando algumas características gerais. Entre algumas conjecturas feitas, ela, a Nutriz, tem certeza que a *psique* da Medeia não suporta a dor. Mas a palavra grega usada foi $\phi\rho\eta\nu$, que possui uma acepção menos transcendente que $\psi\chi\eta$: indica as membranas que envolvem os órgãos do corpo e, sobre-

tudo, as vísceras. Esse emprego delimita bem que a dor sentida por Medeia era visceral e que ela não a guardaria para si. Um daqueles que causaram tal dor foi o rei Creon, que no verso 42, apesar de a tradução ter optado por *rei*, é o *tirano* (ἡ καὶ τύραννον ... κτάνη).

A frágil condição de Medeia

Independentemente da verdadeira autoria do infanticídio que disputam as versões, como a de Parmenisco quando aponta que o crime contra os filhos de Medeia teria sido cometido pelas mulheres de Corinto, todas essas versões concordam com o autoexílio da heroína. Sendo estrangeira, sua posição mostra-se sempre pouco estável, obrigando-a a ser sempre solícita durante sua permanência em Corinto (vv. 11-13 – “nem ela viveria com os filhos / o marido no exílio de Corinto / sempre solícita com os daqui”). Ela sabia, pelas situações hostis que tinha de enfrentar, que sua continuidade em Corinto seria breve e que, enquanto permanecesse ali, estaria abandonada.

Desse modo, enquanto estrangeira e desonrada pelo marido, os versos 30-6 testemunham a miséria que a personagem está sofrendo por, supostamente, ter traído sua pátria:

ἦν μὴ ποτε στρέψασα πάλλευκον δέρην
αὐτὴ πρὸς αὐτὴν πατέρ' ἀποιμῶξῃ φίλον
καὶ γαῖαν οἴκου θ', οὓς προδοῦσ' ἀφίκετο
μετ' ἀνδρὸς ὅς σφε νῦν ἀτιμάσας ἔχει.
ἔγνωκε δ' ἡ τάλαινα συμφορᾶς ὑπο
οἶον πατρῴας μὴ ἀπολείπεσθαι χθονός.
στυγῆ δὲ παῖδας οὐδ' ὀρώσ' εὐφραίνεται.

*quando regira o colo ensimesmado,
alvíssimo, em lamúrias pelo pai,
pelo país natal, que atraíçoou
por quem sem honra a tem agora. Aprende
o quanto custa renegar o sítio
natal. Ao ver os filhos, tolda o cenho com desdém*

Esses versos pertencem à Nutriz, que, como dito, inicia a peça com um monólogo que serve para aludir a episódios anteriores e a questões centrais na peça, como é característico das obras de Eurípidés. Deve-se enfatizar a

frágil posição em que se encontra a personagem: sem honra, economizando para a comida e com os filhos desdenhados numa terra que não é sua. E a razão do seu sofrimento é justificada por dois versos que se contrapõem em momentos distintos: no verso 32, o participio aoristo de *προδίδωμι*, *προδοῦσ'*, tendo traído a própria terra (*γαῖαν οἴκουσ*), constitui o motivo de ela vir a sofrer no presente; assim, segundo o verso 33, ela havia preferido o marido que, depois, a teria desonrado (*νῦν ἀτιμάσας ἔχει*). Medeia foi injustiçada e nada a fazia levantar do seu pranto (vv. 25-6).

A Nutriz teme, então, não apenas o mal no qual se encontra Medeia, mas também as coisas terríveis que poderiam acontecer, principalmente quando comunica sua preocupação ao Pedagogo (vv. 89-95):

ἴτ', εὐ γὰρ ἔσται, δωμάτων ἔσω, τέκνα.
σύ δ' ὡς μάλιστα τούσδ' ἐρημώσας ἔχε
καὶ μὴ πέλαζε μητρὶ δυσθυμουμένη.
ἦδη γὰρ εἶδον ὄμμα νιν ταυρουμένην
τοῖσδ', ὡς τι δρασείουσαν· οὐδὲ παύσεται
χόλου, σάφ' οἶδα, πρὶν κατασκῆψαί τινα.
ἐχθρούς γε μέντοι, μὴ φίλους, δράσειέ τι.

*Sugiro que entre já os dois garotos!
Melhor mantê-los, pedagogo, longe
da mater mestra, que os olhava há pouco
tarivoraz, quem sabe com intento
inconfessável. Se a conheço bem,
sua fúria só alivia se fulmina
alguém que, espero, não seja um amigo.*

A Nutriz, que parece conhecer claramente (*σάφ' οἶδα*) a heroína, temendo que algo pudesse acontecer com os meninos, adverte o Pedagogo que eles não deveriam ficar perto da mãe. Afinal, por conhecê-la, garante que sua cólera (*χόλος*) é implacável. O verso 95, que espera que ela aja (*δράσειέ*) contra um inimigo (*ἐχθρούς*) em vez de um amigo (*μὴ φίλους*), assemelha-se com a máxima da heroína no verso 809: “Amor ao amigo, rigor contra o inimigo”, *βαρεῖαν ἐχθροῖς καὶ φίλοισιν εὐμενῆ*. Depois de trazer as crianças, o Pedagogo conta à Nutriz os boatos que correm pela cidade acerca da expulsão, pelo rei Creon, de Medeia e de seus filhos (vv. 67 a 73). Prossegue a discussão nos versos 74 a 77:

ΤΡΟΦΟΣ

καὶ ταῦτ' Ἰάσων παῖδας ἐξανέξεται
πάσχοντας. εἰ καὶ μητρὶ διαφορὰν ἔχει;

ΠΑΙΔΑΓΩΓΟΣ

παλαιὰ καινῶν λείπεται κηδευμάτων,
κούκ ἔστ' ἐκεῖνος τοῖσδε δώμασιν φίλος.

NUTRIZ

*Jasão aceita a punição dos filhos,
embora em litígio com Medeia?*

PEDAGOGO

*Núpcias novas destroem o liame antigo;
ele é malquisto neste domicílio.*

Esse diálogo, além de alertar para o rumor da expulsão de Medeia e dos filhos, expõe a indiferença de Jasão em relação a eles. E o próprio desamparo em que se encontram as crianças é outro fato preocupante. Sem ter amparo, a personagem pensa, pelo menos, duas vezes em se matar – uma nos versos 144-7 e outra, nos 225-7 –; mas desiste desse plano que cede lugar à vontade de vingiar sua honra e fazer com que os envolvidos paguem pelo ultraje que está passando.

Em meio às dores, dirige algumas preces a Têmis, mãe da *Dike* (vv. 160-7), pedindo que seja vista a vergonha que ela tem sofrido, revelando também o quanto fora difícil abandonar sua pátria: “pátria de onde parti com o estigma do opróbrio” (v. 166).

Como temos visto, sua condição de estrangeira fragiliza sua honra, que é agravada ainda após ter sido desamparada pelo marido, ficando sozinha com os filhos. Dirigindo-se às mulheres de Corinto, alude à fragilidade social da mulher em relação à condição dos homens (vv. 250-1): “Empunhar a égide dói muito menos que gerar um filho”) e à vontade de morrer por causa do marido (vv. 227-9): “Que eu morra / pois o ente até então primeiro e único / tornou-se-me execrável: meu marido!”). Contudo, o que não falta em seu discurso é o desapeço que os nativos têm por ela em meio às suas crises pessoais (cf. vv. 222-7).

Além da perda do “brilho de viver” devido à arrogância dos nativos, desmotiva-a também a falta dos familiares, das amizades e de uma exis-

tência mais plena: o que, talvez, justificaria o verso 222. Este, literalmente, deve ser traduzido por “É necessário que o estrangeiro tenha, fortemente, aliança com a cidade”. Assim, a noção de aliança evocada pelo verbo προσχωρῶ não ocorre factualmente com a heroína. Ao contrário, aqueles cidadãos são cruéis (αὐθάδης) e azedos (πικρός).

O fato de sentir-se só, como uma presa em terra bárbara (vv. 252-8), sem aglomeração ou cidade que a acolha, é uma lástima recorrente à sua condição social frágil. O exílio era algo muito difícil de ser vivido. Os versos 332 a-b do **Corpus Theognideum** concordam com essa fragilidade do estrangeiro:

Οὐκ ἔστιν φεύγοντι φίλος καὶ πιστὸς ἑταῖρος·
τῆς δὲ φυγῆς ἔστιν τοῦτ' ἀνιηρότατον.

*Não há amigo e companheiro fiel para o exilado;
do exílio, isso é o mais penoso.*¹²

Dessa forma, essa era a situação de Medeia: expatriada (ἄπολις) e sozinha (ἔρημος), sem mãe (οὐ μητέρ'), irmão (οὐκ ἀδελφόν) ou parente (οὐχὶ συγγενῆ). O Coro de mulheres assente à vingança engendrada, nos versos 267-9: “É justo que pretenda se vingar / do esposo. Não estranho que lamente / o destino”. Em seguida, o rei de Corinto, Creonte, vai até Medeia pronunciando palavras ásperas e forçando o exílio (vv. 271-6):

σὲ τὴν σκυθρωπὸν καὶ πόσει θυμουμένην,
Μήδει', ἀνείπον τῆσδε γῆς ἔξω περᾶν
φυγάδα, λαβοῦσαν δισσὰ σὺν σαυτῇ τέκνα,
καὶ μή τι μέλλειν· ὡς ἐγὼ βραβεὺς λόγου
τοῦδ' εἰμί, κούκ ἄπειμι πρὸς δόμους πάλιν,
πρὶν ἄν σε γαίης τερμόνων ἔξω βάλω.

*Teu rosto fosco, a raiva contra o esposo,
ordeno que os remova para longe,
sem esquecer a dupla que pariste!
Some daqui! O autor da lei sou eu
e só retorno ao paço quando passes
o marco que demarca o meu reinado*

O rei Creonte pretende personificar a figura da lei, como lhe é permiti-

do. Desse modo, ordena o exílio imediato de Medeia e dos seus filhos, demarcando o seu reinado; e, para ter êxito, garante que apenas vai entrar no palácio quando ela sair. Perguntando o motivo do exílio, o rei responde que (vv. 284-5): “Motivos não me faltam para o medo: / sabes como arruinar alguém”. Afinal, claras são as palavras dele “és bem-dotada de nascença” (v. 285): em grego, σοφή πέφυκας. Diversas são as passagens que Medeia é descrita como σοφή e δεινή, *sábia e terribilíssima*.

Ressaltamos que, à luz dos valores da sociedade grega, o ato de Jasão é imperdoável porque ele quebrou os juramentos de fidelidade. Ele apenas teria o direito de fazer isso caso a união tivesse sido estéril. Contudo, a princesa bárbara dera-lhe dois meninos e, por isso, não poderia ser expulsa nem traída. É por esse motivo que ela, em sua fúria, engendra vingança contra Jasão e o rei de Corinto.

Sabendo que o rei de Atenas, Egeu, que tinha idade avançada e não possuía filhos, desejava ter um sucessor, ela solicita hospitalidade ao rei ateniense em troca da promessa de descendência (vv. 709-18). Certamente Egeu desconhecia as verdadeiras intenções de Medeia de destruir a família real, caso contrário, não a receberia em Atenas. Para então garantir sua ida para Atenas, ela o obriga a jurar em nome da Terra, do Sol e dos deuses.

Conclusão

A título de conclusão, o vigor heroico de Medeia, quando ela convence o rei Creonte a permanecer mais um dia em Corinto para que, assim, pudesse cumprir a sua vingança, é *quase* insuperável. “Quase” porque, em muito, ela compartilha semelhanças com heróis épicos. Um excerto do crítico Bernard Knox¹³ resume a frágil condição de mãe e estrangeira em contraposição à sua personalidade heroica:

Essa apresentação em termos heroicos de uma esposa estrangeira rejeitada, que viria matar a nova esposa de seu marido, o pai da noiva e finalmente os próprios filhos, deve ter deixado a plateia que viu a peça pela primeira vez em 431 a.C. algo incomodada. Heróis, como se sabia muito bem, eram seres violentos e, como vivessem e morressem pelo simples código “ajude os amigos e prejudique os inimigos”, era de esperar que suas vinganças, quando se sentissem injustamente tratados, desonrados, diminuídos, fossem monumen-

tais e fatais. Os poemas épicos realmente não questionam o direito de Aquiles causar a destruição do exército grego para se vingar dos insultos de Agamêmnon, nem a carnificina que Odisseu promove de uma jovem geração inteira da aristocracia de Ítaca. (...) Mas Medeia é uma mulher, esposa e mãe, e também uma estrangeira. Ainda assim, ela age como se combinasse a violência crua de Aquiles com o frio calculismo de Odisseu, e, o que é mais, é nestes termos que as palavras da peça de Eurípidés apresentam-na. “Não queiram ver em mim”, ela observa, “um ser fleumático/ou flébil. Tenho outro perfil. Amor/ ao amigo, rigor contra o inimigo; / eis o que sobreglorifica a vida!” Esse é o credo pelo qual os heróis homéricos e sofoclianos vivem – e morrem.

Medeia é, sobretudo, uma heroína que subverte os valores sociais de seu tempo. É nos versos 244-66 que ela denuncia a misoginia que, além de destinar às mulheres tarefas específicas, como as domésticas, tinha a presunção de supor que suas vidas eram mais seguras. Na verdade, segundo a voz da heroína, o que impera, para o homem, é uma vida repleta de liberdade, visto que *apenas* eles saem com amigos sempre que querem. Segundo ela, nem as mães são menos corajosas que os guerreiros: afinal, é preciso a coragem de um herói em guerra para parir uma criança. Ela é uma heroína que, de acordo com as habilidades guerreiras, como as dos heróis homéricos Aquiles e Odisseu, tem uma fúria implacável e usa seus recursos fármacos para se vingar de seus inimigos, tal como norteia a máxima heroica “amor ao amigo e rigor contra o inimigo” (vv. 808-9). Ela é terribilíssima (v. 44): δεινὴ γάρ.

Os versos 32 e 33, como já analisados, aludem ao risco de se entregar a uma paixão. A heroína “trai” a terra natal para acompanhar o homem por quem estava apaixonada. Se pode haver uma conclusão, a mais provável é que: viver em terra estrangeira, ainda que para satisfazer uma paixão, pode ser um terrível contrassenso. Aos que estão sem amigos e sem cidadania, nem as leis teriam vigor. Seria, então, necessário uma força heroica, tal qual a de Medeia, para suplantar essa triste condição.

Documentação escrita

EURÍPIDES. **Medeia**. Trad. Trajano Vieira; comentário de Otto Maria Carpe-

aux. São Paulo: Editora 34, 2010.

HESÍODO. **Teogonia**: a origem dos deuses. Trad. Jaa Torrano. São Paulo: Massao-Ohno, 1981.

HOMERO. **Ilíada**. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
_____. **Odisseia**. Trad. Cristian Werner. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

PAUSANIAS. **Description de Grecia** (Libros I-II). Trad. María Cruz H. Ingelmo. Madrid: Editorial Gredos, 1994.

[HESÍODO]; RIBEIRO JR., W. A. Hesíodo fr. 23a Merkelbach-West: tradução e comentários. **Calíope**, Rio de Janeiro, v. 12, p. 84-92, 2004.

THEOGNIS. **Le premier livre édité avec un commentaire**. Trad. B. A. van Groningen. Amsterdam: N. V. Noord-Hollandsche Uitgevers Maatschappij, 1966.

Bibliografia

AUGÉ, M. **A guerra dos sonhos**: exercícios de etnificação. Campinas/SP: Papirus, 1998.

BAILLY, A. **Dictionnaire Grec-Français**. Paris: Hachette, 2000.

CANDIDO, M. R. **Medeia, mito e magia**: a imagem através do tempo. Rio de Janeiro: NEA; Fábrica do Livro, 2006/7.

CHANTRAINE, P. **Dictionnaire étymologique de la langue grècque** – Histoire des Mots. Paris: E. Klincksieck, 1983.

FERREIRA, L. de N. A fúria de Medeia. **Humanitas**, Coimbra, v. 49, p. 61-84, 1997.

HALL, E. **Inventing the Barbarian**: Greek self-definition through tragedy. Oxford: Oxford University Press, 2004.

HALL, J. Quem eram os gregos. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, II, p. 213-25, 2001.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LESSA, F.S. **Mulheres de Atenas**: mélixa do gineceu à agora. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. **An intermediate Greek-English lexicon**. Oxford: At the Clarendon Press, 1992.

ONELLEY, G. B. **A ideologia aristocrática nos *Theognidea***. Niterói/Coim-

bra: EDUFF/Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

POUTIGNAT, Ph.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade**. Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

Obras de Maria Helena da Rocha PereiraIII: Traduções do Grego. Coimbra: IUC/FCG, 2018.

SAÏD, S. **Homère et l'Odysée**. Paris: Belin, 2010.

SILVA, M. F. S. **Ensaio sobre Eurípides**. Lisboa: Cotovia, 2005.

WEST, M. L. **The making of the Iliad**: Disquisition and Analytical Commentary. Oxford: Oxford University Press, 2011.

_____. **The making of the Odyssey**. Oxford: Oxford University Press, 2014.

_____. **Studies in the text and transmission of the Iliad**. München, Leipzid, Saur: Die Deutsche Bibliothek, 2001.

Notas

¹ Para a questão do feminino no mundo antigo grego, ver Lessa (2010).

² Sobre as dinâmica das relações de identidade e de alteridade, ver Augé (1998) e Hall (2002).

³ Não entraremos nas discussões, sempre proficuas e acaloradas, acerca dos possíveis recortes temporais para a localização de Homero. Porém, neste artigo, adotaremos o século VIII a.C., conforme a análise de S. Saïd (2010, p. 99-126). A helenista apresenta-nos uma série de fatores que embasam o seu posicionamento, inclusive o fato de a poesia homérica não ter ignorado os jogos e os santuários pan-helênicos (p. 114). Na **Iliada** (XI, vv. 697-701) temos a referência de uma disputa hípica em Olímpia. Na **Odisseia** temos menções ao oráculo de Delfos (VI, 161-62; VIII, 79-81) e ao santuário de Apolo, também em Delfos (VI, 161-62). Para uma discussão mais aprofundada sobre a datação das obras homéricas e, em especial, da **Iliada**, e sua vinculação com a escrita, ver: West (2001, 2011 e 2014).

⁴ Trata-se do fragmento pseudo-hesíodico Hes. 23a Merkelbach-West, que é um poema bastante fragmentário. Ele é dividido em cinco livros, dos quais o **Livro I** é dedicado aos decedentes de Deucalião: Heleno, Doro, Xuto e Éolo.

⁵ Dentre os diversos fatores nesse quadro de oposições entre gregos e bárbaros, temos a língua a marcar a diferença e a distância: "... no critério helênico, o bárbaro, ao mesmo tempo que articula sons que obedecem a uma cadeia incompreensível, realiza um processo mental que o distingue do grego" (SILVA, 2005, p. 15). Ver também Hall (2004, p. 3-4).

⁶ Remete ao verbo βαρβαρό, que significa *ser bárbaro e ser ininteligível* (EURÍPIDES. **Or.**, v. 485; SÓFOCLES. **Ant.**, v. 1002); e também ao verbo βαμβαίνω, que significa *tremor de susto ou de frio, estalar os dentes e balbuciar* (**Antologia Palatina** 5, 273; TEMÍSTIO. 56a).

⁷ O termo βάρβαρος aparece somente quatro vezes na peça, empregado por Medeia, nos versos 256 e 591, e por Jasão, nos vv. 536 e 1330.

⁸ Acerca da sua biografia, sabe-se muito pouco. Boa parte do conteúdo referente à sua vida provém de dados anedotários, graças, sobretudo, ao personagem cômico “Eurípidês” na obra de Aristófanes. Nasceu na ilha de Salamina, em 480 a.C., e morreu em 406 a.C., logo depois de ter se transferido para Macedônia, a convite do rei Arquelau, em 408 a.C. Antes dessa transferência, não desfrutou de muito prestígio entre os atenienses, que eram muito hostis a ele. Estreou num concurso em 455 a.C., ano da morte de Ésquilo. Obteve poucas vitórias, apenas quatro ao todo, sendo a mais antiga em 441 a.C. aos 40 anos de idade, o que levou alguns estudiosos a justificarem seu autoexílio para a Macedônia. São atribuídas a ele cerca de 93 peças, das quais sobreviveram apenas 18, como, por exemplo, **Alceste** (438 a.C.), **Medeia** (431 a.C.), **Hipólito** (428 a.C.), **As troianas** (415 a.C.), **Helena** (412 a.C.), **Orestes** (408 a.C.), **Ifigênia em Áulis** e **As bacantes** (405 a.C.). As peças compostas na Macedônia foram representadas postumamente em Atenas pelo seu filho de mesmo nome, tais como **Ifigênia em Áulis** e **As bacantes**.

⁹ Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira (2018, p. 244).

¹⁰ Todas as citações da tragédia **Medeia** foram traduzidas por Trajano Vieira (2010).

¹¹ Ela é da Cólquida, no Cáucaso. Lá, ela ajuda Jasão na sua expedição, foge com ele e vai para Corinto.

¹² Tradução de Glória Braga Onelley (2009, p. 134).

¹³ Ver: KNOX, Bernard. The Medea of Euripides. **Yale Classical Studies**, 1977, p. 25 (*apud* EURÍPIDES, 2010, p. 183-4).